



Ensinando Língua Inglesa com *The Little Prince* e suas (Re)traduções

Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](#)

Resumo: O ensino de línguas estrangeiras sob a visão da Abordagem Comunicativa tende a excluir textos traduzidos por considerá-los distantes da língua autêntica (Romanelli, 2009). Este artigo propõe uma desconstrução dessa noção através dos pressupostos da retradução. Retradução pode ser definida como uma tradução feita após a primeira tradução de uma obra (Mattos & Faleiros, 2014). Obras traduzidas e retraduzidas representam padrões linguísticos, culturais e sociais da cultura-alvo, sendo, portanto, representações autênticas da língua em uso (Venuti, 2023). O objetivo central do artigo é demonstrar que o ensino de línguas estrangeiras, mais especificamente o ensino da língua inglesa, pode ser favorecido com o uso de textos (re)traduzidos. Para tal, foram analisados excertos extraídos de quatro versões da obra *The Little Prince*: as traduções estadunidenses de Katherine Woods (1943) e Richard Howard (2000) e as britânicas de Alan Wakeman (1995) e Michael Morpurgo (2018). A metodologia consistiu na seleção e alinhamento de excertos das obras com anotações baseadas em gramática, semântica e léxico. Os resultados indicam contrastes sistemáticos entre as variantes, envolvendo questões de tempos verbais, além de distintas estratégias de construção das personagens e escolhas lexicais que veiculam diferentes graus de afeto, formalidade ou marcação de gênero.

Palavras-chave: retradução, ensino de inglês, *The Little Prince*, material didático autêntico.

Abstract: Foreign language teaching under the Communicative Approach has tended to exclude translated texts, considering them distant from authentic language (Romanelli, 2009). This article proposes to deconstruct such notion through the concept of retranslation — defined as a translation produced after a work's first translation (Mattos & Faleiros, 2014). Translated and retranslated texts embody linguistic, cultural and social patterns of the target culture, thus standing as authentic representations of language in use (Venuti, 2023). The central aim is to demonstrate that foreign language teaching, particularly English teaching, can benefit from the use of (re)translated texts. To this end, excerpts from four versions of *The Little Prince* were analysed: the American translations by Katherine Woods (1943) and Richard Howard (2000), and the British ones by Alan Wakeman (1995) and Michael Morpurgo (2018). The methodology consisted of selecting and aligning excerpts, with annotations based on grammar, semantics and lexicon. Results reveal systematic contrasts between the varieties, regarding verb tenses, distinct characterisation strategies, and lexical choices conveying different degrees of affection, formality, or gender marking.

Keywords: retranslation, English teaching, *The Little Prince*, authentic material.

¹ Aline Barreto Drumond Costa Braga · ² Kamila Fernanda da Cruz Carmo

¹ Docente, Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil
Doutorado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0002-1339-266X> aline.barreto@ufla.br

² Discente, Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil
Graduação em Letras, Universidade Federal de Lavras

<https://orcid.org/0009-0007-4401-1077> kamila.carmo@estudante.ufla.br

Recebido em 31/01/2026

Aceito em 17/02/2026

Publicado em 28/02/2026



Introdução

Nas últimas décadas, o ensino de línguas estrangeiras tem sido orientado pela Abordagem Comunicativa, que privilegia o uso de materiais autênticos e interações em situações reais de comunicação. Nesse contexto, textos traduzidos e o método de ensino através da tradução foram marginalizados, pois estavam distantes da língua-alvo “real” (Romanelli, 2009). O presente artigo tem por objetivo demonstrar a relevância de se utilizar textos retraduzidos como ferramentas para o ensino de língua inglesa. O que se propõe nesta pesquisa é demonstrar que textos literários que tiveram mais de uma tradução (textos retraduzidos) são fenômenos linguísticos que fazem parte do cotidiano dos usuários de língua inglesa e refletem por conseguinte práticas e padrões que são próprios dessa língua. Nenhuma tradução ou retradução é distante da língua alvo, seu contexto histórico e suas práticas sociais, pois a necessidade de mais de uma tradução de um mesmo texto já aponta a tendência de mudanças culturais refletidas na língua (Venuti, 2023). A retradução é, desta maneira, um fenômeno que permite a análise diacrônica da língua, além de relevante para o entendimento de diferentes variantes.

Para as análises desta pesquisa, foram selecionadas a primeira tradução e três retraduições da obra francesa *Le Petit Prince* para o inglês, respectivamente, as versões estadunidenses de Katherine Woods (1943) e Richard Howard (2000), e as britânicas de Alan Wakeman (1995) e Michael Morpurgo (2018) em diferentes edições (Saint-Exupéry, 1997; 2000; 2020; 2023). Excertos das obras foram selecionados e inseridos em planilhas eletrônicas para comparação e anotações com o objetivo de explorar seu potencial didático para aprendizes brasileiros de língua inglesa.

É importante ressaltar que o foco desta pesquisa não é avaliar a qualidade das traduções e retraduições. Em vez disso, o objetivo é destacar aspectos linguísticos relevantes para o trabalho com estudantes de língua inglesa. O comparativo é intralingua, para demonstrar como as mesmas cenas são elaboradas e reelaboradas nas traduções e retraduições, identificando os padrões linguísticos e suas potenciais implicações para a construção da obra em língua inglesa. Desse modo, a obra *Le Petit Prince* original em francês serve apenas como ponto de partida para a inserção da obra na língua inglesa, visando leitores anglófonos que não dominam o francês e, portanto, não teriam acesso à obra em sua língua original. E, também por essa razão, não foi incluída nas análises.

Além desta Introdução, o presente artigo conta com Revisão Teórica com o recorte que guiou as análises desta pesquisa, Metodologia especificando a separação e anotação dos excertos

analisados, Resultados e Discussão para a explicitação da análise e os achados da pesquisa e, por fim, Considerações Finais.

Revisão Teórica

Neste capítulo serão apresentados o conceito de Retradução e especificações sobre as obras utilizadas na análise desta pesquisa.

Retradução

A retradução é um fenômeno que acontece mais frequentemente com obras literárias clássicas, como a Bíblia, os épicos de Homero e as peças de Shakespeare (Venuti, 2013). Embora não seja um fenômeno novo, a retradução é um objeto de estudo relativamente recente. Neste artigo, adota-se a definição mais aceita na área dos Estudos da Tradução: retradução é uma nova tradução de um texto que já possui uma tradução anterior (Mattos e Faleiros, 2014). Em outras palavras, após um texto ter sua primeira tradução, todas as traduções feitas depois são consideradas retraduições.

As retraduições surgem da necessidade de adequação às evoluções linguísticas, o que tem um impacto direto nas questões mercadológicas. Uma tradução do século XIX, por exemplo, pode não alcançar seus objetivos de inteligibilidade e rentabilidade junto a um público do século XXI (Cadera e Walsh, 2022). Enquanto a obra clássica original não "envelhece" em sua língua de origem, a versão traduzida possui uma espécie de "prazo de validade" (Venuti, 2013). A retradução pode ser por vezes motivada pela necessidade de corrigir traduções inadequadas de clássicos que não refletem mais o conhecimento atual sobre determinadas culturas (Xun, 2023).

Do ponto de vista linguístico, analisar as escolhas linguísticas em diferentes traduções é importante para a compreensão da evolução da língua. O estudo das retraduições, de natureza essencialmente diacrônica, evidencia a interação das línguas com culturas estrangeiras e a própria, além de revelar os valores predominantes em determinados momentos históricos (Venuti, 2013). Destarte, o uso de retraduições para o ensino de línguas estrangeiras, mas especificamente a língua inglesa, tem por objetivo mostrar aos estudantes múltiplos aspectos, tais como a evolução linguística e social, as alternativas gramaticais e estilísticas, e a possibilidade intrínstica de um texto ser escrito e reescrito, ainda que preserve a mesma matriz original.

Para ilustrar os aspectos pedagógicos da retradução, esta pesquisa baseou-se na seleção de excertos da primeira tradução para a língua inglesa da obra clássica francesa *Le Petit Prince*, de Antoine de Saint-Exupéry, e de suas subsequentes retraduições, todas sob o título *The Little Prince*. As especificidades da tradução original e das retraduições desta obra serão detalhadas na seção a seguir.

A Primeira Tradução e as Subsequentes Retraduições da Obra *Le Petit Prince*

A obra *Le Petit Prince*, escrita pelo autor e aviador francês Antoine de Saint-Exupéry, foi originalmente escrita em 1942 e publicada no ano seguinte, 1943. A obra foi criada enquanto Saint-Exupéry estava exilado nos Estados Unidos, em virtude da Segunda Guerra Mundial. Essa circunstância favoreceu a publicação da primeira tradução para a língua inglesa, intitulada *The Little Prince*, no mesmo ano da publicação original. Traduzida pela escritora e tradutora estadunidense Katherine Woods, essa tradução foi a única disponível em língua inglesa por mais de 50 anos, sendo reconhecida pelos críticos por sua qualidade poética e lirismo. Essa tradução, porém, não era livre de críticas, sendo a mais contumaz a tradução da palavra francesa *ami* (amigo) por *sheep* (ovelha) (Roldán-Riejós, 2021).

Em 1995 o escritor e tradutor britânico Alan Wakeman fez a segunda tradução de *Le Petit Prince*, ou sua primeira retradução. Essa também foi a primeira tradução para a variante britânica da língua inglesa, uma vez que a estadunidense ainda era a única em vigor. A retradução feita por Wakeman buscava ser uma versão mais “leve” e uma mudança radical em relação à primeira (Roldán-Riejós, 2021).

No ano 2000, o professor, tradutor e crítico literário Richard Howard fez a segunda tradução para a variante estadunidense da língua inglesa. A retradução de Howard foi aclamada pela crítica, sendo considerada uma tradução orientada para o texto-fonte e não para a cultura-alvo como era vista a tradução de Katherine Woods (Roldán-Riejós, 2021). Curiosamente, essa visão da retradução de Howard vai de encontro à chamada hipótese de retradução, proposta por Antoine Berman em 1990 (Berman, 2017). A hipótese de retradução postula que a primeira tradução de um texto tende a ser orientada para a cultura de chegada. Isso ocorre porque é necessário adaptar o texto estrangeiro para que seja aceito pelos leitores da nova língua. Consequentemente, essa primeira tradução se distancia mais do texto-fonte. Já as retraduições posteriores podem se voltar mais para o texto-fonte, visto que

os leitores já estão familiarizados com a obra devido à existência da primeira tradução (Desmidt, 2009).

Além das retraduições de Wakeman e Howard, *Le Petit Prince* já conta com mais de 30 outras retraduições para a língua inglesa (Roldán-Riejos, 2021). Assim, pode-se constatar que a obra *Le Petit Prince* deu origem a inúmeras traduções e retraduições, incluindo traduções para variantes linguísticas de minorias étnicas do Reino Unido, como aquelas faladas na Cornuália. Por ser uma obra extensivamente retraduzida, *Le Petit Prince* se torna um material rico para debates acerca de temas como territórios invadidos, a importância da preservação cultural e a diversidade das variantes linguísticas.

Embora o potencial didático das traduções e retraduições de *Le Petit Prince* seja notório, este artigo se concentra nas variantes estadunidense e britânica da língua inglesa, devido à maior facilidade de acesso ao material. Contudo, essa escolha não impede a futura incorporação de capas de livros ou outros recursos relacionados às demais retraduições para outras variantes do inglês em aulas que trabalhem esse tema ou futuras pesquisas.

Metodologia

Para as análises desta pesquisa foram selecionadas quatro traduções da obra *Le Petit Prince* para o inglês, representando as variantes estadunidense e britânica, todas com o título *The Little Prince*. A tradução e retraduições escolhidas são: (i) a primeira tradução estadunidense de Katherine Woods (1943) e a retraduição de Richard Howard (2000), e (iii) a primeira retraduição britânica (ou primeira tradução para o inglês britânico) por Alan Wakeman (1995), seguida por uma segunda retraduição britânica, de 2018, realizada por Michael Mopurgo, autor de livros infantis. Como já explicitado anteriormente, a obra original *Le Petit Prince* não é parte constitutiva do *corpus* de análise, uma vez que o foco central é em textos de língua inglesa. É importante ressaltar também que o ano das traduções corresponde ao *copyright* da tradução e das retraduições, não ao ano em que as obras foram publicadas. Muitas traduções e retraduições antigas são publicadas novamente em anos subsequentes, portanto, as análises preservaram o ano em que foram feitas originalmente a tradução e as retraduições (Saint-Exupéry, 1997; 2000; 2020; 2023).

A análise se concentrou em excertos da obra, e não em sua totalidade, com foco em duas personagens centrais: a Rosa e a Raposa (grafadas em letras maiúsculas para indicar que se tratam

das personagens fictícias da obra). A escolha dos excertos se deu pelos momentos em que o personagem Pequeno Príncipe conhece essas personagens, a fim de examinar a construção linguística dessas cenas tanto na tradução inicial quanto nas retraduações subseqüentes.

Após a seleção dos excertos, os trechos correspondentes (que poderiam ser orações ou períodos oracionais) da primeira tradução e suas equivalentes nas retraduações subseqüentes foram inseridas em planilhas eletrônicas. Para facilitar a identificação de semelhanças, esses trechos foram alinhados em linhas paralelas. Além disso, uma coluna específica foi criada para registrar casos de não paralelismo, que ocorriam quando uma tradução ou retraduação apresentava um número de orações diferente das demais, impossibilitando o alinhamento direto.

Havia também a coluna de anotações de disparidades entre os trechos alinhadas que poderia conter anotações sobre disparidades gramaticais, lexicais e semânticas. Os critérios para anotação dessa coluna ficavam a cargo de observações textuais, com base na gramática formal da língua inglesa e dicionários.

Findadas as análises, foi feito um comparativo de forma a buscar padronagens e diferentes escolhas linguísticas na tradução e retraduações, que foram o ponto de partida para discussões que poderão ser levantadas em sala de aula e que serão apresentadas na seção a seguir.

Resultados e Discussão

Nas análises dos excertos de *The Little Prince* nas variantes de língua inglesa analisadas, foi possível observar alguns aspectos linguísticos pertinentes ao ensino que serão apresentados neste capítulo. Para melhor compreensão dos resultados, estes serão divididos em seções correspondentes aos personagens analisados: a Rosa e a Raposa. Nessas seções serão discutidos os resultados encontrados e suas possíveis aplicações pedagógicas.

Mantendo o foco da pesquisa na língua inglesa e não nos tradutores da obra, os exemplos dos excertos escolhidos para análise serão apresentados apenas como US1943 e US2000 para a variante estadunidense e UK1995 e UK2018 para a variante britânica.

Caracterização da Personagem Rosa

A primeira parte da cena da personagem Rosa em *The Little Prince* traz informações sobre o ato de aparecimento da personagem. O Quadro 1 apresenta todas as construções desta primeira parte da cena nas obras analisadas.

Quadro 1

Aparecimento da Rosa em The Little Prince

US1943	UK1995	US2000	UK2018
<i>Then one morning, exactly at sunrise, she suddenly showed herself.</i>	<i>And then, one morning, exactly at daybreak, she finally came out of her hiding-place.</i>	<i>And then one morning, precisely at sunrise, she showed herself.</i>	<i>And then one morning, there she was, in full and splendid flower, at the very moment the sun rose.</i>

Fonte: Elaboração própria a partir do *corpus* de análise (Saint-Exupéry, 1997; 2000; 2020; 2023)

Em relação ao surgimento da Rosa, o Quadro 1 permite observar que o verbo *show* em sua forma no *simple past* (*showed*) foi a escolha para as variantes estadunidenses. Já para a variante britânica, foram utilizadas duas formas: *came out of her hiding-place* e *there she was*. Ambas as construções britânicas expressam a ideia de que a Rosa estava oculta ou não visível. A primeira, *came out of her hiding-place*, utiliza a noção de um esconderijo (*hiding place*); e a segunda, *there she was*, utiliza uma expressão idiomática que enfatiza o surgimento repentino de alguém que estava sendo procurado ou estava ausente há muito tempo. O fator temporal é outra característica que pode ser levada em consideração no Quadro 1. Mesmo com a distância de 57 anos entre as variantes estadunidenses, o verbo escolhido manteve-se o mesmo. Já nas britânicas, com 23 anos de diferença, as construções gramaticais são completamente diferentes, mantendo-se apenas uma leve semelhança semântica.

Até mesmo a extensão dos períodos oracionais é uma diferença grande entre as variantes americana e britânica, sendo as variantes britânicas as mais extensas. Em UK2018 há até mesmo uma descrição detalhada de como a Rosa apareceu: *in full and splendid flower*, dando ênfase à estética do momento, detalhe esse presente apenas nessa retradução.

A tradução e as retraduições preocupam-se com o detalhamento do momento do dia, enfatizando o nascer do sol como uma circunstância como *exactly at sunrise*, *precisely at sunrise*, *exactly at daybreak*, *at the very moment the sun rose*. A escolha de UK2018, que utiliza *rose* (forma

do *simple past* de *rise*) pode ser útil para ilustrar aos estudantes a diferença entre *rose* (rosa) e *rose* (a forma verbal).

A caracterização da Rosa em *The Little Prince* é antropomórfica, sendo suas primeiras ações na tradução e retraduições o ato de bocejar seguido por falar, expresso pelos verbos *yawned* e *said*. Essa característica da Rosa gerou um ponto de divergência em uma das falas dela, contida nos exemplos do Quadro 2.

Quadro 2

Fala da Rosa em The Little Prince

US1943	UK1995	US2000	UK2018
<i>My petals are still all disarranged...</i>	<i>and [I] haven't had time to do my hair....</i>	<i>I'm still all untidy.</i>	<i>Look at me I'm such a mess,</i>

Fonte: Elaboração própria a partir do *corpus* de análise (Saint-Exupéry, 1997; 2000; 2020; 2023)

As falas da Rosa apresentam diferenças de construção em todas as variantes da língua inglesa. Em US1943, a Rosa se caracteriza de forma mais botânica, mencionando suas pétalas (*my petals*). Já em UK1995, a Rosa é antropomorfizada, ganhando características humanas como cabelos (*my hair*). As variantes US2000 e UK2018, por sua vez, focam na Rosa caracterizando a si própria como desarrumada, usando *untidy* e *mess*. De modo geral, a Rosa é uma personagem senciente que é caracterizada por traços botânicos, humanos, ou descrita de forma geral. Em termos de evolução temporal, a distinção entre características botânicas e humanas é mais evidente em US1943 e UK1995, US2000 e UK2018 neutralizando essa dicotomia.

A relação entre os personagens Pequeno Príncipe e Rosa é de admiração por parte do Pequeno Príncipe, marcada por orações de senso estético, como pode ser observado no Quadro 3 abaixo.

Quadro 3

Pequeno Príncipe se dirige a Rosa em The Little Prince

US1943	UK1995	US2000	UK2018
<i>Oh! How beautiful you are!</i>	<i>How beautiful you are!</i>	<i>How lovely you are!</i>	<i>You are so beautiful.</i>

Fonte: Elaboração própria a partir do *corpus* de análise (Saint-Exupéry, 1997; 2000; 2020; 2023)

No Quadro 3, observa-se a predominância do adjetivo *beautiful* para a caracterização da Rosa. Segundo o dicionário Merriam-Webster (2025), o termo *beautiful* é frequentemente empregado para descrever beleza física, sendo mais comumente usado para mulheres. Por outro lado, *lovely* apresenta uma definição que faz referência à beleza feminina de forma mais explícita em seu segundo verbete: *a beautiful woman*.

Para além da caracterização da Rosa como figura antropomórfica, tem-se, portanto, uma ligação de admiração estética que a caracteriza como pertencente ao gênero feminino. Essa caracterização pode auxiliar estudantes a entenderem que, mesmo que a língua inglesa aparentemente não seja tão marcada por gênero quanto a língua portuguesa do Brasil, há palavras na língua inglesa que têm essa marcação, como alguns adjetivos e até substantivos como *mother*, *husband*, etc.

Por fim, outro ponto que pode ser discutido sobre a relação entre os personagens Pequeno Príncipe e Rosa é como ele se comporta em relação a um pedido que ela faz por água. O Pequeno Príncipe cuida da Rosa, mas a forma como esse gesto é construído nas obras em língua inglesa variou. O Quadro 4 apresenta a parte da cena em que o Pequeno Príncipe sai em busca de um regador para oferecer água a Rosa.

Quadro 4

Descrição do Pequeno Príncipe indo buscar água para a Rosa

US1943	UK1995	US2000	UK2018
<i>And the little prince, completely abashed, went to look for a sprinkling-can of fresh water. So he tended the flower.</i>	<i>So the little prince went off, all abashed, to fetch her a canful of fresh water.</i>	<i>And the little prince, utterly abashed, having gone to look for a watering can, served the flower.</i>	<i>And the little prince, rather taken aback at this, but wanting to do what he could to look after the little flower, went off at once to look for a watering can and some fresh water.</i>

Fonte: Elaboração própria a partir do *corpus* de análise (Saint-Exupéry, 1997; 2000; 2020; 2023)

No Quadro 4 é possível observar a construção linguística do espanto do Pequeno Príncipe em relação à demanda da rosa por água, caracterizada predominantemente pelo adjetivo *abashed*. A forma como o Pequeno Príncipe faz o gesto de cuidar da Rosa varia mais do que a descrição da reação dele. Em US1943, o verbo *tend* no *simple past* (*tended*) e a expressão *look after* de UK2018 podem transmitir a mesma ideia de alguém fazendo algo por cuidado. Já em UK1995, o verbo *fetch*

só transmite a ideia de pegar algo e entregar esse algo a alguém, não tendo a noção de cuidado envolvida. E, por fim, em US2000 o verbo *served* (*simple past* de *serve*) pode indicar uma relação mais parecida com uma relação trabalhista, uma vez que *serve* no dicionário Merriam-Webster (2025) indica *provide food or drinks* (servir comida ou bebida) e, nos exemplos apresentados, envolve palavras como restaurante e hotel. Todos esses exemplos ilustram como uma aparente simples ida a algum lugar para buscar algo para alguém pode indicar na língua inglesa a ideia de cuidado, de neutralidade ou de formalidade empregatícia.

A relação do Pequeno Príncipe com a personagem Rosa não se esgota no excerto analisado, porém, cabe destacar que com apenas um excerto curto já foi possível identificar várias nuances da língua inglesa e diferenças significativas nas formas de construção da mesma cena.

Para contrastar com a personagem Rosa, foi analisada também a personagem Raposa. Esta análise será apresentada na próxima seção.

Caracterização da Personagem Raposa

Para a personagem Raposa, a cena selecionada para análise foi seu primeiro encontro com o Pequeno Príncipe, seguindo a mesma abordagem utilizada para a personagem Rosa. O excerto inicia com a aparição súbita da Raposa. Na tradução e em todas as (re)traduções, essa aparição é descrita pelo verbo *appear* em sua forma no *simple past* *appeared*, exceto na retradução US2000, que opta por *came along*. Este último, conforme o dicionário Merriam-Webster (2025), sugere a ideia de movimento conjunto ou de ir a algum lugar na companhia de alguém.

É importante ressaltar que as interações iniciais entre a Raposa e o Pequeno Príncipe se mantêm as mesmas ao início da interação. Os dois se saúdam com *good morning*, até o momento em que o Pequeno Príncipe indaga (da mesma forma na tradução e retraduições com *Who are you?*) a Raposa e faz um comentário sobre ela. Esse comentário está nos exemplos do Quadro 5 abaixo.

Quadro 5

Pequeno Príncipe se dirige a Raposa em The Little Prince

US1943	UK1995	US2000	UK2018
"You are very pretty to look at"	"You're very pretty."	"You're very pretty..."	"You are very beautiful"

Fonte: Elaboração própria a partir do *corpus* de análise (Saint-Exupéry, 1997; 2000; 2020; 2023)

Como observa-se no Quadro 5, mais uma vez o Pequeno Príncipe faz um comentário de natureza estética sobre outra personagem, focando em sua aparência física. O adjetivo predominante é *pretty*. Conforme o dicionário Merriam-Webster (2025), *pretty* significa "bonito de se olhar, ou (especialmente em referência a meninas, mulheres ou coisas a elas relacionadas) atrativo e agradável de uma forma delicada¹". Desse modo, o adjetivo caracteriza a Raposa como um ser feminino. A intensidade do julgamento do Pequeno Príncipe é evidenciada pelo advérbio *very*, que aparece em todas as ocorrências. Além disso, a tradução UK2018 emprega o adjetivo *beautiful*, o que reforça ainda mais a associação de beleza com a feminilidade da personagem. Ainda no campo de palavras com gênero, existe um termo para se referir à raposa fêmea em inglês: *vixen*, embora essa forma esteja atualmente em desuso, conforme aponta o dicionário Merriam-Webster (2025). A definição de *fox* no dicionário é neutra, ficando a cargo dos adjetivos empregados conferir explicitude à ideia de gênero.

A interação entre a Raposa e o Pequeno Príncipe é notável pela frequência de perguntas *-Wh*, como *Who are you?*, *What are you looking for?* e *What does tamed mean?*. Essas perguntas, presentes com as mesmas formas gramaticais na tradução e nas retraduições da obra, têm um sentido narrativo importante. Sendo o Pequeno Príncipe um personagem de outro planeta e a Raposa uma personagem terrestre, as perguntas não só guiam o desenvolvimento da relação entre eles, mas também auxiliam o Pequeno Príncipe a compreender a Terra e seus habitantes. Nesse contexto, as perguntas *-Wh* que em língua inglesa solicitam respostas detalhadas (mais do que sim ou não) são fundamentais. Elas podem servir também como ponto de partida para instruir os estudantes sobre as convenções gramaticais dessas estruturas na língua inglesa, incluindo o posicionamento correto dos verbos auxiliares após o termo *-Wh*.

Outro aspecto a ser trabalhado com o auxílio das interações do Pequeno Príncipe com a Raposa é o tempo e aspecto verbal. Os exemplos do Quadro 6 abaixo apresentam a recusa da Raposa em brincar com o Pequeno Príncipe por ainda não ser ou ter sido *tamed*. Cada uma das respostas tem esse mesmo conteúdo, porém, os tempos verbais variam.

¹ *pleasant to look at, or (especially of girls or women or things relating to them) attractive or pleasant in a delicate way* - Tradução própria de verbete eletrônico <https://www.merriam-webster.com/dictionary/pretty>

Quadro 6

Diferentes tempos verbais na fala da Raposa em The Little Prince

US1943	UK1995	US2000	UK2018
<i>I am not tamed.</i>	<i>I haven't been tamed.</i>	<i>I'm not tamed.</i>	<i>I have not been tamed.</i>

Fonte: Elaboração própria a partir do *corpus* de análise (Saint-Exupéry, 1997; 2000; 2020; 2023)

Através do Quadro 6, verifica-se que as variantes do inglês estadunidense tendem a manter a recusa da Raposa no *simple present*, com ou sem a contração da negação: *I am not tamed.* / *I'm not tamed.* Por outro lado, a variante britânica demonstra preferência pelo *present perfect*, também com ou sem contração: *I haven't been tamed.* / *I have not been tamed.*

A escolha do *simple present* no inglês estadunidense pode sugerir que o estado da Raposa é permanente, indicando que ela não é *tamed* em um presente "perene", um estado fixo. Isso se alinha a um dos usos deste tempo verbal, que é descrever hábitos, verdades e fatos (Gonçalves, 2006). Já o *present perfect* oferece um leque mais amplo de possibilidades semânticas e é um tempo verbal bastante estudado em relação a aprendizes de língua inglesa falantes de português brasileiro (Lessa e Cabral, 2020; Ludka, 2023).

Uma das possíveis análises semânticas do *present perfect* reside na sua conexão com o tempo presente. No caso de *I haven't been tamed*, a interpretação pode ser que o fato de a Raposa não ser *tamed* teve início em um passado não especificado e ainda produz resultados na atualidade. Em termos gerais, no momento da fala da Raposa, ela ainda se encontrava no estado *not tamed*, mas sem a característica de permanência inerente ao *simple present*, podendo esse estado ser revertido no futuro.

Contudo, ao analisar o *present perfect*, é fundamental destacar outras possibilidades semânticas, como a que trata de base empírica ou experiência, frequentemente abordada em livros didáticos de língua inglesa ao se discutir viagens (Ludka, 2023). Portanto, a interpretação aqui sugerida é apenas uma das possíveis para este tempo verbal.

Outro ponto relevante dos exemplos do Quadro 6 reside também no fato de que, frequentemente, o *present perfect* é contrastado com o *simple past* no ensino de inglês (Lessa e Cabral, 2020; Ludka, 2023). Contudo, o Quadro 6 ilustra ocorrências autênticas na língua inglesa em que o *present perfect* alterna com outra forma do aspecto presente: o *simple*.

Ao descrever o que estava fazendo para a Raposa, o Pequeno Príncipe diz que estava procurando seres humanos, a Raposa então descreve sua percepção sobre eles. O Quadro 7 apresenta o trecho da cena em questão.

Quadro 7

Seres humanos de acordo com a Raposa

US1943	UK1995	US2000	UK2018
"I am looking for men," said the little prince. "Men," said the fox. "They have guns, and they hunt. It's very disturbing."	'People ,' said the little prince. 'People have guns' said the fox. 'And they hunt. It's a real nuisance.'	"I'm looking for people," said the little prince. "People," said the fox. "Have guns and they hunt. It's quite troublesome."	'I'm looking for people,' the little prince told him. 'People have guns and they hunt you' said the fox,'Which is most inconvenient.

Fonte: Elaboração própria a partir do *corpus* de análise (Saint-Exupéry, 1997; 2000; 2020; 2023)

Logo de início um dos trechos do Quadro 7 vai de encontro ao que foi dito nos exemplos do Quadro 5. Ao utilizar o pronome objeto *him* para se referir a Raposa, UK2018 coloca essa personagem no gênero masculino, contrapondo as ideias femininas do adjetivo *beautiful* que o Pequeno Príncipe usa para se referir a Raposa.

A primeira tradução estadunidense de 1943 usa *men*, substantivo masculino no plural para se referir ao que o Pequeno Príncipe busca. Esse substantivo pode ser utilizado em língua inglesa tanto para um grupo de pessoas do gênero masculino quanto para toda a humanidade (*human race, mankind*). As demais retraduições apagam a marcação de gênero da palavra, substituindo-a por *people*, uma forma mais inclusiva e não marcada para se referir a um grupo de pessoas.

A descrição da Raposa sobre o ato de caçar, praticado por humanos com armas, é marcada pelo uso de diversos intensificadores e adjetivos com conotação negativa. A intensidade é expressa por advérbios de grau *very, real* e *quite* e pelo superlativo *most*. O fato de nenhum dos adjetivos ser repetido nas diferentes variantes sugere a vasta possibilidade de expressar uma mesma ideia negativa com o uso de intensificação. Sugere-se que outros exemplos, utilizando os adjetivos mencionados, sejam levados para a sala de aula. Isso permitirá aos estudantes observar seu uso em diferentes contextos e compreender o impacto que essas palavras causam na comunicação.

Buscou-se com esses exemplos mostrar o potencial de aplicação em ensino de língua inglesa de alguns dos aspectos que podem ser explorados a partir de *The Little Prince* traduzido e

retraduzido. Esses exemplos, porém, não esgotam as possibilidades de uso dessa obra em sala de aula. Outras questões relevantes podem ser trabalhadas como, por exemplo, uma visão da época em que a obra foi escrita e o estilo dos tradutores, fazendo com que o trabalho com as obras seja de cunho mais literário. A questão mais importante levantada neste artigo é a de que levar essas obras para a sala de aula de língua inglesa é relevante e produtivo para o ensino, mesmo que sejam traduções e retraduições, ainda representam a língua inglesa em seu pleno uso.

Considerações Finais

Neste artigo, defendeu-se a noção de que textos traduzidos e retraduições podem ser considerados materiais autênticos para o ensino de língua inglesa. Como exemplo, a obra francesa *Le Petit Prince* foi explorada como tradução e retraduições para a língua inglesa intituladas *The Little Prince* nas variantes estadunidense e britânica. Mostrou-se através de exemplos e análises extraídas das obras que, embora frequentemente marginalizados por partirem de uma língua estrangeira, as traduções e retraduições são um *corpus* legítimo para a investigação de padrões linguísticos, escolhas lexicais, variações gramaticais e semânticas que representam o uso real da língua.

As análises concentraram-se em excertos de interações com as personagens Rosa e Raposa, revelando aspectos linguísticos com relevância para o ensino. Observaram-se, por exemplo, diferentes estratégias de construção das personagens, suas classificações quanto ao gênero e o impacto das ações através de diferentes tipos de verbos. Até mesmo a questão do uso dos tempos verbais pode ser observada nas análises, com um contraste pouco tradicional entre tempos verbais da língua inglesa: o *simple present* em contraste com o *present perfect*.

Cabe ressaltar que o objetivo da pesquisa não foi avaliar a qualidade das traduções e retraduições, elegendo uma versão como superior às demais, mas sim demonstrar que a análise de diferentes traduções da mesma obra pode revelar aspectos da língua inglesa que dificilmente seriam observados por meio de materiais didáticos tradicionais ou textos originais isolados. O comparativo intralingua evidencia que as retraduições não são repetições ou atualizações linguísticas, mas reelaborações que refletem escolhas motivadas por contextos mercadológicos e culturais distintos. Essas escolhas são materializadas por padrões passíveis de análise e aproveitamento para o ensino.

Quanto às limitações desta pesquisa, destacam-se a restrição a apenas duas personagens, não abrangendo a totalidade da obra nem a diversidade de retraduições existentes para outras variantes da

língua inglesa. A aplicação em sala de aula, porém, permanece como um potencial latente desse tipo de análise e a proposição principal deste artigo. Pesquisas futuras poderão ampliar o *corpus* de análise, incluindo outras retraduições de *Le Petit Prince*, como aquelas voltadas à língua inglesa escocesa, bem como estender a abordagem a outras obras retraduzidas em língua inglesa e até mesmo outros idiomas estrangeiros.

Referências

- Berman, A. (2017). A retradução como espaço da tradução (C. P. Marini & M.H. C. Torres, Trans.). *Cadernos de Tradução*, 37(2), 261-268. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2017v37n2p261>
- Cadera, S. M., & Walsh, A. S. (2022). Retranslation and Reception – a Theoretical Overview. Em S. M. Cadera & A. S. Walsh (Eds.), *Retranslation and Reception: Studies in a European Context* (vol. 49, pp. 1-20). Brill. https://doi.org/10.1163/9789004517875_002
- Desmidt, I. (2009). (Re)translation Revisited. *Meta*, 54(4), 669-683. <https://doi.org/10.7202/038898ar>
- Gonçalves, C. C. C. (2006). On the semantics and pragmatics of present tenses. *Revista Letras*, 69, 173-190.
- Ludka, G. (2023). O Present Perfect Tense (PPT): Interpretações sob o parâmetro do aprendiz de inglês falante do português brasileiro. *Ensino & Pesquisa*, 21(3), 175-187. <https://doi.org/10.33871/23594381.2023.21.3.8385>
- Mattos, T., & Faleiros, Á. (2014). A noção de retradução nos estudos da tradução: Um percurso teórico. *Revista Letras Raras*, 3(2), 35-57. <https://doi.org/10.35572/rlr.v3i2.307>
- Merriam-Webster. (s.d.). *Merriam-Webster.com Dictionary*.
- Mocanu, A.M., & Dima, V.V. (2023). The need for retranslating literature. *Dialogos*, 24(40), 237-251.
- Roldán-Riejos, A. (2021). Fortuna de *El Principito* en lengua inglesa: Visiting The Little Prince and some English related versions. Em P. Gomis Blanco (Ed.), *Estudio traductológico de la colección El Principito de Pedro Gomis Blanco* (2.7, pp. 202-222). Les Flaneur Edizioni.
- Romanelli, S. (2009). O uso da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, 8(2), 200-219. <https://doi.org/10.26512/rhla.v8i2.756>
- Saint-Exupéry, A. de. (1997). *The Little Prince* (A. Wakeman, Trad.). Pavillon Books.
- Saint-Exupéry, A. de. (2000). *The Little Prince* (R. Howard, Trad.). Houghton Mifflin Harcourt.
- Saint-Exupéry, A. de. (2020). *The Little Prince* (M. Morpurgo, Trad.). Vintage Classics.
- Saint-Exupéry, A. de. (2023). *The Little Prince: Illustrated Edition* (K. Woods, Trad.). E-Kitap Projesi & Cheapest Books.
- Venuti, L. (2013). Chapter 5: Retranslations – The Creation of Value. Em L. Venuti, *Translation Changes Everything: Theory and Practice* (pp. 96-108). Routledge.
- Xun, L. (2023). A retradução é indispensável (L. Ye, Trad.). *Cadernos de Tradução*, 43(esp. 3), 383-387. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2023.e97554>